

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JOSÉ LUÍS DE OLIVEIRA CABAÇO

MOÇAMBIQUE:
IDENTIDADES, COLONIALISMO E
LIBERTAÇÃO

SÃO PAULO
2007

JOSÉ LUÍS DE OLIVEIRA CABAÇO

MOÇAMBIQUE:
IDENTIDADES, COLONIALISMO E LIBERTAÇÃO

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Área de Concentração: Antropologia Social.
Orientador: Prof. Dr. Kabengele Munanga.

São Paulo
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

CABAÇO, José Luís de Oliveira,
Moçambique: identidades, colonialismo e libertação/ José Luís
de Oliveira Cabaço; orientador Kabengele Munanga. – São Paulo, 2007.

Tese (Doutorado – Programa de Antropologia Social)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de
São Paulo.

1. Moçambique 2. Identidades 3. Colonialismo 4. Assimilação 5. Libertação

DEDICATÓRIA

À Rita,
pelo encontro nos céus do Rio
e a felicidade que é viver a seu lado.

Ao Danilo e ao Ricardo, saudosos camaradas,
pelos sonhos que dividimos.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	12
SIGLAS	14
INTRODUÇÃO	16
CAP. I – A CHEGADA DO CAVALO PÁLIDO	26
1.1 A essência dualista da sociedade colonial	27
1.1.1 Um poder disciplinar	53
1.2 A última colônia do velho império	59
1.2.1 Alvores da ordem colonial	67
1.3 A construção do estado colonial	73
1.3.1 A revolução mineira na África do Sul	76
1.3.2 A presença asiática	82
1.3.3 Chega o capital internacional	87
1.3.4 A organização Administrativa	97
CAP. II – ASSIMILAR PARA NÃO MUDAR	109
2.1 Colonialismos, antropologia e política indígena	110
2.2 História, Milagre e Destino	122
2.2.1 “Superioridade” e “Tolerância”	135
2.3 Produzir “não indígenas”	142
2.3.1 Definição de indígena	149
2.4 Colonização e racialização	162
2.4.1 História de Rafael Arcanjo	185
2.4.2 Os grupos sociais peri-urbanos	192
CAP. III – “REFORMAS” LUSO-TROPICAIS	210
3.1 Novos tempos	211
3.2 1961: Anúncio da crise	232
3.3 Janela de esperança para o império	242
3.2.1 Aventura e equívocos	248
3.2.2 Novas vestes para um corpo velho	257

3.4 Tropicalismo luso: uma apropriação	263
3.4.1 Uma teoria e várias leituras	272
3.4.2 O luso-tropicalismo visto das colônias	282
3.5 O hissope e a palmatória	292
3.5.1 A Concordata com a Santa Sé	296
3.5.2 Os não-católicos	300
3.5.3 Cisão na Igreja católica	308
3.6 Por detrás da cortina	312
3.6.1 A "década do silêncio"	314
3.7 Relações raciais entre não-indígenas	321
3.7.1 A paz podre	328
3.7.2 Depois do regime do indigenato	332
 CAP. IV – OS ANOS DA LIBERTAÇÃO	 344
4.1 A guerra colonial	345
4.1.1 Guerra subversiva e contra-subversão	347
4.1.2 "Moçambicanização" da guerra colonial.....	352
4.2 Contradições na sociedade colonial	362
4.2.1 O fator "tempo" e a persistência das estruturas mentais	365
4.2.2 Relações entre colonos e militares	369
4.2.3 As opções dos colonos	374
4.2.4 Uma solução luso-tropicalista?	378
4.3 Génese do nacionalismo moçambicano	386
4.4 Contradições e reorganização da vida	394
4.4.1 Importância da unidade	401
4.4.2 Política e cultura	405
4.4.3 O "Homem Novo"	410
4.4.4 A opção pelo socialismo	417
 CONCLUSÃO	 423
 BIBLIOGRAFIA	 433

AGRADECIMENTOS

A tese foi feita, é certo, de muitas horas de leitura, dias passados em bibliotecas e arquivos, entrevistas com testemunhas, longas conversas com colegas, professores e especialistas de vários países. Mas ela resulta também de anos de contato, em vários pontos do mundo, com amigos e simples conhecidos, bem como de situações vividas. De uns e outras se foi acumulando uma experiência de vida, recheada de certezas que se tornam dúvidas, de ilusões que se esfumam, de sucessos que gratificam. A todo esse mundo que se dilui no tempo e se confunde na memória deixo o meu reconhecimento.

Um dos responsáveis por esse trabalho foi o Prof. Kabengele Munanga que aceitou ser o orientador do projeto. Com rara sensibilidade, ele soube associar à exigência de rigor científico sua profunda africanidade e, com paciência e sabedoria, me deu, vigilante, grande espaço e liberdade. Foram de extrema importância as longas conversas sobre a nossa África, passada, presente e futura. Mais de que um orientador, foi para mim um exemplo de Professor e Amigo.

Preciosas foram também as sugestões dadas pelos Prof.s Lourenço do Rosário e Carlos Serrano em meu Exame de Qualificação. Agradeço-lhes o cuidado com que leram o trabalho até então desenvolvido e o esforço que fizeram para me abrir perspectivas muito úteis para a minha reflexão. Ao Prof. Carlos Serrano sou grato também por suas opiniões sobre África e, em especial, sobre a experiência angolana que, embora diferente em muitos aspetos, me ofereceu estimulantes subsídios para essa pesquisa.

Agradeço à Tania Macedo a leitura comentada, as muitas conversas sobre África e o colonialismo, os conselhos que me deu sobre aspectos da organização do trabalho e a ajuda na revisão do texto. Com Omar Thomaz, mantenho há anos um diálogo privilegiado sobre Moçambique, que ele tão bem tem estudado. Ele leu quase toda a minha tese e, com a amizade que nos une, teceu comentários e sugeriu-me leituras. Márcio Silva aceitou discutir comigo, em várias ocasiões, as questões antropológicas e políticas

ligadas à problemática do desenvolvimento e suas relações com o colonialismo e sua herança, proporcionando-me uma visão mais rica do tema. Com a Fernanda Peixoto tive a oportunidade de trocar impressões sobre a obra de Gilberto Freyre que me foram de grande utilidade. Todos eles, na versão final do trabalho, poderão reconhecer certamente reflexos dessas conversas e sugestões.

A maior parte do tempo despendido na sempre inquietante e tensa experiência da redação da tese, vivi-o em São Paulo, rodeado pelos cuidados dos amigos. Não posso esquecer a generosidade de Vilma. Nos meses vividos em seu apartamento, foi marcante a forma como ela e o Chico nos fizeram sentir como se ali fosse a nossa casa de sempre. Também a casa de Elza foi sempre um caloroso abrigo. Em nosso apartamento, a essas companhias, juntaram-se, muitas vezes, Benjamin, Cecília, Dimas, Ivan, Tânia e Vima, em momentos de convívio com outros amigos que ajudaram a aliviar a preocupação com que vivi principalmente os últimos tempos. Agradeço-lhes o constante encorajamento.

À Neuza, que conseguiu manter a ordem no caos da minha mesa de trabalho, o reconhecimento pelo carinho com que protegeu minha tranqüilidade.

No Rio de Janeiro foi onde tudo começou. A idéia dessa tese nasceu da experiência de pesquisa propiciada pela minha participação num seminário de três meses na UFRJ, a convite de Yvonne Maggie e Peter Fry, aos quais agradeço muito. Com Marcelo Bittencourt, desde essa época, dividi muitas preocupações e me beneficiei da viva interlocução motivada pela paixão pela África - Angola, de lá, e Moçambique, de cá - em trocas que se refletem no texto final.

Não posso esquecer o dia em que o Beluce Bellucci, em Maputo, me convidou para uma reunião da ALADAAB que a Universidade Candido Mendes organizaria em agosto de 1995. Não podia imaginar então que essa participação mudaria o curso da minha vida. A ele, e à Malu, agradeço ainda a hospitalidade na sua casa em Teresópolis, onde pude trabalhar por algumas semanas em condições privilegiadas.

Uma parte prolongada da pesquisa se realizou em Lisboa, onde recebi inúmeros apoios, como o de Aida Freudenthal e Nelson Pestana, que

me abriram portas no mundo acadêmico português e se prestaram a enviá-
me, para o Brasil, textos que lhe pedi. Dalila e Álvaro Mateus me
proporcionaram informações de grande interesse e uma inesquecível tarde
de recordações. A Fernando Magalhães estou reconhecido pelas várias
vezes que aceitou deslocar-se a Lisboa para conversas e indicações que
muito me serviram. O Tenente Coronel Pessoa do Amorim explicou-me
pacientemente a orgânica militar portuguesa em Moçambique e abriu-me sua
valiosa biblioteca. A Fernando Rosas agradeço ter concordado em discutir
comigo alguns aspectos da minha tese.

João Paulo Guerra, sempre solidário, dividiu comigo seu vasto
conhecimento dos fatos que rodearam os últimos anos do colonialismo. Foi
ele quem me garantiu o acesso à Associação 25 de Abril, a partir da qual,
pela intervenção pessoal do seu Presidente, Coronel Vasco Lourenço, pude
realizar entrevistas com alguns militares.

Ao Tenente Coronel Aniceto Afonso estou muito grato pelas
facilidades que me concedeu no acesso ao Arquivo Histórico Militar e ao
Arquivo Militar de São João da Barra. Aqui, foram inexcedíveis os seus
colaboradores António André, José Matos e Nuno Naves.

Agradeço ao Coronel Vasco Lourenço sua permanente
disponibilidade. Ao Coronel Carvalho Aparício, Tenente Coronel Pessoa de
Amorim, Álvaro Récio e João Maria Tudela, o meu reconhecimento pelo
tempo que me foi dispensado e a gentileza da acolhência bem como
entrevistas concedidas.

O apartamento dos amigos Guida e Lourenço foi fundamental para a
permanência em Lisboa, onde ainda contei, e muito, com o apoio solidário do
velho amigo José Manuel Coelho. Em Carcavelos, tínhamos um porto onde
renovávamos as energias consumidas pelo trabalho. O fraterno e alegre
convívio com Ana, Artur, Belinha, Gonçalo, Ricardo e Zé António, sob a
liderança de tia Élia, era um enorme incentivo. Com o meu primo Mário pude
recordar os anos que antecederam a independência e recriar ambientes e
vivências. O circuito se completava com Fernanda Cavacas e Aldónio
Gomes, em seus inequívocos sinais de amizade.

Em Moçambique dirijo um agradecimento especial a João Paulo
Borges Coelho, com quem mantive longas conversas e que pôs à minha

disposição fichas e documentos de seu arquivo particular. Teresa Cruz e Silva e Amélia Neves sugeriram-me textos e contatos e guiaram-me nos meandros do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. Fernando Couto cedeu-me documentos raros com os quais está presentemente trabalhando. Fico-lhes muito grato pela amizade e pela lição de generosidade. A António Sopa, agradeço o apoio dado no excelente Arquivo Histórico de Moçambique. Também estou reconhecido a Mia Couto pela cedência de documentos históricos que recolheu para seu trabalho. Com Oscar Monteiro e Luís Honwana confrontei, fora do tempo das entrevistas, algumas das hipóteses da minha pesquisa.

Foram muito importantes para essa tese as entrevistas recolhidas em Moçambique. Sou muito grato a Alberto Chipande, Bonifácio Gruveta, Domingos Arouca, Eduardo Nihia, Tomé Eduardo, Fernando Ganhão, Graça Machel, João Munguambe, Joaquim de Carvalho, José Moiane, Lopes Tembe, Luís Honwana, Marcelino dos Santos, Mariano Matsinhe, Oscar Monteiro e Raimundo Pachinuapa pelas horas disponibilizadas transmitindo-me suas experiências de vida.

Os meus agradecimentos também a Arminda, Valentim e Constantino, pela gentileza com que preservaram minha necessidade de concentração

Devo, e tanto, agradecer a meus pais, Maria José e Guilherme, que, no decurso desses anos, respeitaram a prioridade do meu empenho, nunca se lamentando pelas longas ausências de seu único filho. Com entusiasmo, buscaram na memória colonial episódios que me pudessem ser úteis e na rica biblioteca “Moçambicana”, procuraram livros, folhetos, legislação, referências bibliográficas e até fotografias para auxiliar meu trabalho.

Tatiana e Luís viveram a experiência de ter, já na idade adulta, um pai estudante. Com ironia e carinho me devolveram os conselhos que de mim tantas vezes ouviram quando na escola estavam eles

E, finalmente, quero dizer que esse trabalho, devo-o à Rita, minha doce companheira. Foi ela quem me encorajou a meter ombros a uma tarefa que eu inicialmente avaliava para além das minhas forças, “desconstruindo”, com a capacidade de argumentação (e a memória) que todos lhe reconhecem, minhas hesitações e meus momentos de desânimo. O conhecimento que tem de África e a inteligência e sensibilidade com que

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

